

**FIGURAÇÕES DA MULHER NA LITERATURA DE EXPRESSÃO
PORTUGUESA A ORIENTE:
OS CASOS DE LUÍS CARDOSO E DE SENNA FERNANDES**

**WOMEN FIGURATIONS' IN PORTUGUESE EXPRESSION LITERATURE
IN ORIENT: THE CASES OF LUÍS CARDOSO AND SENNA FERNANDES**

Pedro d'Alte¹

Instituto Politécnico de Macau

RESUMO: Luís Cardoso e Senna Fernandes são importantes escritores no panorama literário português e fornecem, sobre o Oriente, escritos únicos que permitem ampliar a experiência lusófona em vários vetores: social, étnico, histórico, cultural e literário. Concomitantemente, ambos partilham, por meio da literatura, representações da figura feminina que povoa os espaços multiculturais de Timor e de Macau. Neste quadro, o presente artigo intenta três ações nucleares: i) estabelecer uma aproximação sobre as particularidades técnico-compositivas e temáticas dos autores; ii) explicitar a figura da mulher na literatura de expressão portuguesa a Oriente, conferindo-lhe uma atenção académica que se tem revelado parca; iii) contribuir para o estudo literário de autores de literatura de expressão portuguesa e, assim, ampliar o conhecimento sobre os países e zonas que têm a língua portuguesa como língua oficial.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura em português a Oriente; Luís Cardoso; Senna Fernandes; Imagótipos femininos.

ABSTRACT: Luís Cardoso and Senna Fernandes are important writers in the Portuguese literary scene and provide, on the Orient, unique writings that allow expanding the Lusophone experience in various vectors: social, ethnic, historical, cultural and literary. Interestingly, both share, aesthetically, representations of the female figure that inhabits the multicultural spaces

¹ Doutor em Estudos da Criança, na Universidade do Minho. Investigador no CIEC, Universidade do Minho. Colabora, atualmente, com o Instituto Politécnico de Macau. ORCID: 0000-0001-7264-9106.

of Macau and Timor. In this context, the present article intends three core actions: i) to establish an approach on the technical-compositional and thematic particularities of the authors; ii) to explain the figure of women in Portuguese-speaking literature in the East, giving it an academic attention that has proved to be sparse; iii) contribute to the literary study of authors who express themselves in Portuguese and, in this way, increase knowledge about countries and areas that have Portuguese as their official language.

KEYWORDS: Literature in Portuguese in the Orient; Luís Cardoso; Senna Fernandes; Female imagotypes.

Introdução

Na literatura portuguesa a Oriente existem obras bastante ricas na representação do *modus vivendi* das populações autóctones. Estes relatos ficcionais possuem determinadas características globais que permitem, ao leitor, aceder a um *corpus* documental com amplo valor histórico e no qual se encenam os ambientes sociais e políticos, especialmente, os de finais do século XIX em diante. Dito de outra forma, esta particularidade é especialmente cara ao exercício que se pretende, na medida em que se permite ler imagótipos literários densos, autênticos e representativos das sociedades propostas a análise: a macaense e a timorense.

De todo o pulsar exótico da literatura portuguesa a Oriente, cinge-se a análise a textos que dão conta das figurações da mulher: desde o nascimento à assunção de papéis sociais, na juventude e na fase adulta. O intuito, é o de partilhar uma multiplicidade de olhares que exibam vários tópicos: as conceções vigentes sobre a mulher; a influência da família, do género, da religião e do *status quo* nas diferentes expectativas da sociedade para a mulher. Para cumprir tal proposta, o artigo gravita, sobretudo, ao redor de dois proeminentes autores: o macaense Henrique de Senna Fernandes (1923 - 2010) e o timorense Luís Cardoso (1958).

A escolha tem que ver com o consenso em torno da qualidade literária de ambos (Ramos, 2018; Pereira, 2015); de boa parte da produção dos escritores consistir na tipologia de romance – o que oferece chaves de leitura bastante profundas e construídas de forma prolongada ao longo de uma linha cronológica extensa (o que, por seu turno, permite ler a evolução da personagem desde o seu nascimento até, por vezes, ao final da sua vida); e, ainda, com determinadas propriedades técnico-compositivas e temáticas, relativas ao estilo de ambos

os escritores, que imbuem a narrativa com uma forte ambiência histórica e cultural e que desvendam o acesso à cosmovisão da época de uma forma bastante vívida (d’Alte, 2020).

O presente artigo visa apresentar os dois autores e analisar o imagótipo feminino construído pelas suas obras. Com este exercício contribui-se, ainda, para a construção de conhecimento sobre autores e sobre obras literárias de países e zonas que têm a língua portuguesa como idioma oficial.

1. Luís Cardoso e Senna Fernandes: narrativas de aproximação

O romancista timorense Luís Cardoso de Noronha nasce em Cailaco, no interior de Timor-Leste. O turbilhão político decorrente da Revolução de Abril de 74 favorece a saída de Cardoso para Portugal. Em terras lusas, pelo usufruto de uma bolsa de estudo, o timorense prossegue a sua formação académica e licencia-se em Silvicultura pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa onde seria colega do escritor Eduardo Aqualusa.

É também em Portugal que inicia a carreira literária com a publicação de *Crónica de uma travessia – a época do ai-dik funam* (1997). A este título, sucedem-se outros: *Olhos de coruja, olhos de gato bravo* (2001); *A última morte do coronel Santiago* (2003) e *Requiem para o navegador solitário* (2007). Após um breve período sem editar novos livros surge, em 2013 e pela Sextante Editora, *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*. Quatro anos mais tarde, o público leitor recebeu, pela ação da mesma editora, *Para onde vão os gatos quando morrem?* (2017). Em novembro de 2020, pela chancela da Abysmo, chega a obra *O plantador de abóboras* (2020).

Henrique de Senna Fernandes pertence a uma das mais antigas e ilustres famílias de luso-descendentes de Macau. Completa a instrução primária na Escola Comercial Pedro Nolasco da Silva e os estudos secundários no Liceu de Macau. Licencia-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, em Portugal. Em Coimbra, concorre e vence o prémio literário Fialho de Almeida com o conto “A-Chan, a tancareira”.

Regressado a Macau, exerce advocacia para garantir a sua independência financeira. Posteriormente, segue carreira no ensino: primeiro, como professor e, depois, como diretor da Escola Comercial Pedro Nolasco – hoje Escola Portuguesa de Macau. Paralelamente, dedica-se à escrita. É digna de destaque a colaboração em vários jornais locais, como “A Voz de Macau”, “Notícias de Macau”, “O Clarim”, “Gazeta Macaense”, na revista “O Mosaico” e na “Revista de Cultura”. Senna Fernandes recebeu várias condecorações. Podem elencar-se as seguintes: Comenda da Ordem do Infante (1986), Medalha de Mérito Cultural do Governo de

Macau (1989), a Medalha de Valor do Governo de Macau (1989), Título de Grão-Oficial de S. Tiago de Espada, do Governo Português (1998) e a Medalha de Mérito Cultural da R.A.E.M.

No plano literário, os mais afamados artefactos de Senna Fernandes são *Nam Van - Contos de Macau* (1978), *Amor e Dedinhos de pé* (1986), *A trança feiticeira* (1994), *Mong-Há – Contos de Macau* (1998) e *Os Dores* (2012). Este último, já não foi revisto pelo autor - aspeto anotado na secção “nota do editor” e que precede o relato literário. Trata-se, com efeito, de uma edição póstuma. O literato macaense falece em 2010.

Cardoso e Senna Fernandes partilham o espaço geográfico-literário oriental e escrevem em língua portuguesa, concretizando uma filiação linguística para com este idioma. Para além desta evidência, uma análise transversal pelas particularidades técnico-compositivas e temáticas dos autores permite aferir que os seus relatos albergam características partilhadas: a mescla de elementos ficcionais com factuais; a diluição das fronteiras entre a disciplina da Literatura e da História; uma certa predileção pelo tratamento de temas históricos e sociais; um modo de contar que permite, ao narrador, adquirir contornos etnográficos e constituir a narrativa como fonte documental que é representativa dos imagótipos masculinos e femininos da época; a transposição clara da experiência biográfica para a narrativa; e, também, a infixação da diegese no século XX (Ramón, 2014; Ramos, 2018; d’Alte, 2020; d’Alte, 2021). Importa, por fim, destacar um aspeto preponderante: a atenção que ambos dedicam ao universo feminino, seja pela escrita a partir de uma voz feminina seja pela inclusão de várias mulheres e do seu ponto de vista na trama. É, pois, a este tópico, que se dará atenção, buscando-se explicitar e situar a representação da mulher, a leste do Cabo da Boa Esperança, na literatura em português.

A organização da análise estrutura-se de acordo com a maturação biológica da mulher. Dito de outra forma, o olhar incidirá sobre o percurso evolutivo desde o nascimento até à adultez.

2. Figurações da mulher na literatura de Cardoso e Senna Fernandes

2.1. Um nascimento, muitos destinos

No romance *A última morte do coronel Santiago* (2003), de Luís Cardoso, o leitor encontra a personagem Pedro Santiago que mostra total indiferença pelo nascimento dos filhos bastardos que se iam perdendo na multidão dos anónimos. Entretanto, o comportamento muda: “Quando viu o filho legítimo pela primeira vez chamou-lhe Lucas perante o espanto da sua mulher como se tivesse reconhecido no recém-nascido um velho camarada” (Cardoso, 2003,

p. 10). Mais adiante, Cardoso satiriza as feições da criança: “Para sua surpresa o bebê era mesmo parecido com o falecido. O rapaz tinha cara de velho. Nasceu centenário. Enrugado. Assim como se fosse um coronel de segunda linha” (p. 11). A sugestão de familiaridade com o falecido e a nomeação do nascituro têm sustento antropológico, representam a cosmovisão nativa:

Quarenta dias depois de nascer uma criança, os pais mergulham o anel em água onde se cozeram bananas, para a parteira lavar os olhos, a fim de não ficar cega e guardar o segredo do parto. A criança recebe, geralmente, o nome de um parente falecido, e se esta chora é porque o parente não gostou que tivesse sido dado o seu nome ao neófito. Escolhem-se, então, outros nomes, até a criança se calar. Suspendendo o choro, fica com aquele nome para sempre (Ferreira, 1953, p. 213).

O nome revela-se, assim, como um *continuum* existencial que permite, de certa forma, a imortalidade de um ser biográfico ou, pelo menos, da sua memória. A partilha de traços entre gerações é de tal forma assumida que, em Ataúro, local onde Cardoso passou a infância, o nascituro chama-se “avô” (Duarte, 1984, p. 21). O mesmo autor escreve: “o nome que coincidir com o instante em que [a criança] pára de chorar é o [nome] que os antepassados querem que ela tome” (Duarte, 1984, p. 25). A nomeação, se lida como relação umbilical entre o nascituro e o antepassado, permite perceber as exigências das personagens timorenses: “Sempre foi assim desde tempos imemoriais. Pedro Santiago sabia muito bem quanto custava o peso de um nome, sobretudo o de um apelido, e quando esse apelido era o dele, esperava mantê-lo para além da eternidade que só vale enquanto dura o tempo de um sonho” (Cardoso, 2003, p. 11)².

Na obra em *Olhos de Coruja olhos de Gato Bravo* (2001), descobre-se a voz confidente de Beatriz que partilha uma lamúria feminina: “só os homens justificavam a maternidade” (Cardoso, 2001, p.10). No entanto, nos primeiros momentos diegéticos, a malquerença do Catequista, o pai, é em relação a qualquer nascimento, independentemente do género: “argumentava estar recompensado pelos dois filhos já crescidos. O terceiro não viria acrescentar nada de novo ao património do reino” (p. 10).

² Na sociedade timorense, é comum a inexistência de um nome aquando do nascimento da criança. Os gentios têm o hábito que apenas “três dias depois do nascimento da criança [se faça] a imposição do nome (reng’ai ana = nominar + filho) que ela há-de usar” (Duarte, 1984, p. 25). Em ambos os romances, as personagens são neófitos cristãos. Neste caso, segundo os registos de Feijó, o nome pode ser alterado, e daí uma das importâncias do batismo: a reconversão (Feijó, 2008, p. 157).

Mais adiante, na narrativa, o comportamento do pai torna-se negativo, pois começa a desenrolar-se a hipótese de o bebé ser uma rapariga e emergem duas crenças miscigenadas no pai converso. A primeira superstição revela que o bebé, a nascer mulher, consuma a reencarnação de um morto “com o objetivo de fazer uma reivindicação póstuma” (p. 11). A segunda crê que o nascimento é requerido por uma sobrevivente que esteja no limiar do seu tempo de vida e “que encomendara já uma outra pessoa, ainda uma mulher, e suficientemente louca para lhe realizar ainda em sua vida, uma vingança que não tivera coragem de executar” (p. 12). Este apontamento dá novo sentido à informação presente na página inaugural: “Minha avó sonhara comigo. Queria tanto que na família houvesse alguém que pudesse realizar uma reparação ainda em sua vida para ter a certeza do cumprimento das promessas” (p. 9). A superstição faz o Catequista reear a transposição de traços identitários da avó Beatriz para a neta que iria receber o mesmo nome.

O tema é transversal a variadas obras. É evocado no romance de estreia, *Crónica de uma travessia*: “Também se contavam histórias de vinganças seculares como a daquela mulher que um dia se apresentou no posto administrativo com a cabeça do marido, dizendo que o fizera para saladas uma dívida antiga, pois que um antepassado seu fora morto pela família do esposo decapitado” (Cardoso, 1997, p. 56). E também recuperado na mais recente produção, n’*O plantador de abóboras* (2020). Neste livro, a avó deve acalmar os antepassados e concretizar o *mate-mean*, a morte vermelha. Fidalgo explica o fenómeno:

The deceased usually contacts the living for some reason that afflicts him, which is common when the spirit considers that the livings are not observing the ritual obligations that they have towards him (an appropriate burial, the making of offerings, etc.). This type of communication, very associated with violent deaths (*mate mean*, “red death”), was referred to me on countless occasions in relation to people who had died in the jungle while they were part of the guerrilla, after the Indonesian invasion, whose bodies had not been found nor, consequently, received burial (Fidalgo, 2015, p. 198).

Nos exemplos citados, é de notar que o bebé deve assumir um destino previsto pelos pais. Pedro Santiago nomeia o filho “pensando que o descendente haveria de ser uma pessoa dada às palavras como o evangelista para perpetuar o bom nome da família” (Cardoso, 2003, p. 12). Em casos mais complexos, como por exemplo, em relação às elites timorenses, o nascimento tem o potencial de guerra ou de paz. No caso da filha do Catequista, é óbvio que o nascimento criaria problemas, pois, através do vínculo do casamento, esta elite timorense

poderia criar uma aliança com a facção nativa timorense ou com a portuguesa – aspeto particularmente grave, pois a narrativa infixa-se no período da Revolta de Manufahi de 1911-1912 e que opôs os povos de Timor à autoridade lusa (Sousa, 2016).

Urge relembrar que as alianças entre os reinos eram consumadas pelo barlaque. Este acordo perpétuo, semelhante ao casamento, possuía um cariz político e económico e era uma aliança simbólica entre dois clãs e não, somente, entre duas pessoas. Os noivos pouco podiam fazer em relação à escolha do cônjuge. Nestes tempos de governação portuguesa, o casamento tinha, assim, a hipótese de ditar o alinhamento com a governação portuguesa ou uma guerra à autoridade lusa.

Concluída a referência aos dois nascimentos, um masculino e outro feminino, importa perceber que, nas narrativas, não parece existir uma preferência pelo nascimento de um determinado género em desfavor do outro - conforme uma sociedade patriarcal poderia fazer prever. No entanto, pelo conjunto dos romances percebe-se que o timorense não prescinde de papéis sociais assentes no género. São, neste sentido, dignas de menção as críticas a Ernesto e a Mateus: “muitas vezes [Mateus] esquecia-se de apagar as nódoas vermelhas da boca (...) quem iria oferecer emprego a um rapaz com lábios tinturados como os de uma mulher? (Cardoso, 2001, pp. 55-57). Ambos evidenciam comportamentos efeminados e que, por este motivo só, são destratados pelo pai (d’Alte, 2014; d’Alte, 2021).

A segregação por géneros encontra correspondência na cantilena ritual, concretizada durante o parto e que foi recolhida por Armando Pinto Corrêa. A mesma permite sintetizar a diferenciação:

Se for homem, saia já para fora, com azagaia, rodela e espada, alavanca e parão, para as fainas músculas a que está destinado. Assucaí dáua, ni oro, ni aba, ni si, ni di’a, ni sita, gafo rá issa! (...) Tufurai dáua, ni quida, ni lalode, ni nuba, ni ati, ni serucaí, gafo rá issa! Se for mulher, traga a roca, o cesto do pó, o tear com seu pau para esticar os panos, e a pele de carneiro com que as tecedeiras amparam os quadris (Corrêa, 1934, p. 16).

Em relação à sociedade oriental, é crucial ler uma cantilena chinesa, o poema “Si Gan”, retirado da coletânea *Book of Songs* (Shi-Jing) - que se acredita ter sido compilada por Confúcio - e que é revelador da mentalidade e da sociedade chinesas. Um dos poemas sugere a diferenciação no trato com base no género do nascituro: “When a son is born / Let him sleep on the bed / Dress him with fine clothes, / And give him jade to play with (...) When a daughter

is born / Let her sleep on the ground, / Wrap her in common wrappings, / And give her broken tiles for playthings” (Croll, 1978, p. 23).

Esta carga pejorativa associada ao nascimento da mulher está altamente infixada nas sociedades rurais e surge ancorada, sobretudo, à ideia de uma assimetria entre a qualidade portentosa do trabalho masculino e o frágil labor feminino. Um outro aspeto que atua em desfavor da mulher é o facto de esta ser considerada como um ente que partirá para a família do marido onde será privada do seu nome de família original (Freedman, 1979, p. 235). Ou seja, a mulher impede a continuidade do nome da família. Ante o exposto, desde o nascimento, se evidencia um dos pilares tradicionais da cultura chinesa e da organização familiar. Segundo Confúcio, a estrutura familiar é organizada de acordo com dois princípios: “the superiority of the elder generation over the younger and the superiority of the males over females” (Shaughnessy, 2000, p. 58).

Tal conceptualização produz, ainda hoje, efeitos nefastos. Johnson (2016) e Li (2007) chamam a atenção para o fenómeno “missing girls” que é originado pela referida política. Trata-se de uma tendência de generocídio, sobretudo entre crianças dos zero aos cinco anos, concretizada por meio de inúmeras ações: discriminação nutricional em favor do rapaz; cuidados médicos reservados aos elementos masculinos; assassinato e, em anos mais recentes, com recurso à ecografia, a realização de abortos de fetos femininos (Li, 2007, p. 2) .

Na literatura, são variados os exemplos que dão conta de que os pais tendem a livrar-se das filhas, sobretudo em épocas de pobreza extrema. O conto *A-Chan, a tancareira*, da autoria de Senna Fernandes, apresenta uma criança que é vendida a uma velha tancareira. De facto, o conto é bastante célere a explicar a origem da menina: criança de seis anos, que devido a um ano de seca extrema é vendida pelos pais. Depois, é consequentemente transacionada até chegar “às mãos” de uma velha tancareira que lhe ensinará, pela força e pelos modos, o ofício (Fernandes, 1997, p. 9).

Do mesmo autor, no romance *Os dores* (2012) se pode ler o caso de Leontina. A criança é encontrada em Coloane, reduto de piratas. A rapariga evidencia traços distintivos. Era uma rapariga branca aloirada, de traços caucásicos, no meio da petizada chinesa. As condições lúgubres nas quais é encontrada, faz com que a família portuguesa queira retirar a jovem dali, pois, no fundo, são conhecedores do destino das crianças em ambientes de miséria e enunciam, claramente, a possibilidade bifurcada: “Ou morrerá de fome... ou será uma futura putinha – aduziu o capitão Silvestre todo fúnebre” (Fernandes, 2012a, p. 19).

Apesar de violento, este era um negócio comum e, nos casos de pauperismo irreconciliável, a derradeira decisão de venda de uma menina encontra-se, conforme se observou, suportada culturalmente. Escreve Seabra, sobre o tópico em apreço, o seguinte:

Como o infanticídio feminino era uma prática corrente na China, muitos chineses, pressionados pela miséria, em vez de matarem as suas filhas, vendiam-nas aos portugueses. Outros, roubavam-nas ou compravam-nas aos seus conterrâneos para as revenderem em Macau. (...) As escravas chinesas eram, geralmente, raptadas quando crianças, por traficantes locais, ou vendidas pelos próprios pais, podendo as mesmas ser libertadas por alguém que as quisesse levar para suas casas como concubinas (Seabra, 2007, pp. 612-613).

Tendencialmente, as meninas eram escolhidas mediante características valorizadas (juventude ou beleza) e, de seguida, instruídas numa arte ou ofício. Pina-Cabral partilha: “Such girls could be resold or used to obtain an income through forced labor or prostitution. It was mostly their export from Macao as slaves that fueled the slavery debate in the city” (Pina-Cabral, 2002, p. 119).

Em linha com o exposto, por exemplo, em Macau, as *pei pai-chai*, cortesãs da Rua da Felicidade, eram adquiridas quando crianças e, posteriormente, ensinadas a entreter os homens. Por vezes, estas mulheres sabem dançar, poesia e xadrez. Em “Nam Van – Contos de Macau”, Senna Fernandes enaltece as suas qualidades feminis e apresenta-as detalhadamente:

Nos tempos áureos do Bazar, não eram prostitutas vulgares. Não era de bom tom dormir com o freguês logo ao primeiro convite, porque isto era baratear-se ignominiosamente. Só depois de muitas sessões e bem esportuladas é que concediam tal favor. Ninguém as podia obrigar a proceder contrariamente porque a sua função era a de cantar. Aprendiam a gargantear, em falsete, longas canções de amor, lamentações de saudade e tristezas de separação. Ao mesmo tempo que dedilhavam o alaúde ou tangiam o piano de cordas com duas hastes finíssimas de bambu (Fernandes, 1997, pp. 53-54).

O nascimento é, nas culturas elencadas, um importante agente restritivo que se consubstancia como uma redoma de horizontes, situando a personagem e forçando-lhe determinadas expectativas (d’Alte, 2022). Importa, neste momento, perspetivar como a situação pode evoluir desde a meninice até à entrada na idade adulta.

2.2. Da infância à idade adulta

Nos romances de Senna Fernandes, a infância é um lugar dominado pela influência adulta e a educação é uma das formas de exercer esse poder, verificando-se a colonização da infância pelo adulto. Pela educação e pela diferença de géneros sobressaem a alteridade, a imagem e a contraimagem, a diversidade e a “outridade” (Simões, 2011).

Na obra *Amor e dedinhos de pé* (2012), recordem-se as palavras do Tio Timóteo sobre o seu sobrinho e que revelam que a miscigenação não é bem acolhida naquela família: “O que este menino precisa é de disciplina. Tem o sangue sujo e necessita de uma boa limpeza para ser um homem” (Fernandes, 2012b, p. 26). No entanto, apesar da mácula do nascimento, como o órfão Francisco Frontaria era o único descendente masculino e, por isto, o único capaz de prolongar o nome da família, houve investimento na criança com a contratação de tutores e uma escolha criteriosa de escolas.

No entanto, Francisco falha redundantemente: “Não que Francisco fosse totalmente destituído de inteligência. Mas não estudava, tinha sempre o pensamento longe das aulas, aspirava a estar ao sol, correr e flunar. Impressionava a sucessão de más notas. A tia atribuía a culpa à perseguição dos professores” (Fernandes, 2012b, p. 29). As qualidades negativas do jovem irão perdurar por boa parte da vida e ele mergulhará na miséria, ganhando o epíteto de “Chico-Pé-Fêde” - por deambular pelas ruelas de Macau com os seus pés fedorentos e em ferida. A seguinte passagem serve como síntese da vida da personagem: “Com a fama e as poucas habilitações que tinha, obstáculos se eriçaram. Ninguém queria Chico-Pé-Fêde. À celebridade de boémio e de estouvado juntava-se a marca dum homem doente, impregnado de males secretos e vergonhosos” (Fernandes, 2012b, p. 122).

Em *A trança feiticeira*, Adozindo, homem, também tem acesso à educação. Frequenta o Externato do Seminário de S. José, mas fica-se pelo quinto ano que era considerado “ao tempo, suficiente” (Fernandes, 2015, p. 15). Não tinha aspirações maiores, nem de ir para Hong Kong, Xangai e muito menos Portugal. É um aluno modesto. Encara o futuro com ligeireza, pois acredita que irá herdar a agência do pai e ter rendimentos certos.

Apresentados alguns casos masculinos e que servem, sobretudo, de contraste à encenação das personagens femininas, atenta-se o olhar sobre a educação das meninas e que é tendencialmente diferente. De forma económica, o escritor sintetiza a educação feminina: “Ao tempo, a educação das filhas era confiada à mãe que só se preocupava em fazê-las donas de casa prendadas. A verdadeira instrução era só para os homens” (Fernandes, 2012a, p. 30).

Efetivamente, quando do nascimento de Victorina, personagem feminina do romance *Amor e dedinhos de pé*, ninguém a quer. Era uma criança de feições feias. Apenas o pai “lhe dava mimos quando podia. Como ninguém quisesse tomar conta dela, contratou-se uma crioula, isto é, uma enjeitada, criada na Casa de Beneficência das Madres Canossianas, para olhar por ela. Para Victorina, a Celeste foi a verdadeira mãe” (Fernandes, 2012b, p. 167). O pai surge com uma posição diametralmente oposta a toda a sociedade e clama, para a filha, as mesmas igualdades cedidas ao seu outro filho:

Dentro dos limites do que era possível, ela tinha direito a melhores oportunidades, não somente o Paulinho. Resolveu enviá-la para o Colégio de Santa Rosa de Lima, grande escola de educação feminina, cuja fama se estendia até Xangai. Era caro, mas compensador o dinheiro despendido. Encontrou oposição na mulher e nas cunhadas. O sogro replicou-lhe que não desapertaria a bolsa para luxos desnecessários (Fernandes, 2012b, pp. 203-204).

Claro está que a conceção positiva de educação por parte de Hipólito, o pai, tem que ver com as raízes familiares do progenitor e com a intenção de evitar que a filha tenha uma vida semelhante à sua, disfórica. Relembre-se que a diegese apresenta Hipólito como descendente da “mais pura nata da sociedade”. Quando pequeno, recebe instrução e exhibe excelência e rigor:

Hipólito Vidal (...) fora de pequenino destinado a bacharel em Leis, a estudar na Universidade de Coimbra. Educado pelos padres do profícuo Colégio do Seminário de S. José, cedo se revelou amigo das letras e com uma inclinação natural para as línguas. Fazia redações límpidas e elegantes, lia e interpretava Cornélio Nepos e Cícero com a familiaridade de íntimos. Tinha as melhores classificações e conhecia, além dos nacionais, todos os reis da França e Inglaterra. (...) Lia muito, debruçando-se sobre túrgidos calhamaços românticos de Pérez Escrich, Ponson du Terrail, Xavier de Montépin e Émile Richebourg (Fernandes, 2012b, p. 140).

No entanto, não cumpre o seu destino, isto é, não ruma a Coimbra por ter sido acometido por doença e por, sobretudo, ter levado até às derradeiras consequências um romance inconsequente e infantil com a filha dos Padilhas. Vítima de um certo fatalismo romântico, acaba por ficar em Macau, condenado a ter uma vida menor, ou pelo menos,

seguramente distante do futuro brilhante que se lhe antevia. Hipólito torna-se disfórico e alheado. Canalizar as suas forças para a filha, augurando-lhe um destino melhor que aquele reservado às mulheres de então, é uma das resoluções do pai.

Algo semelhante ao destino apresentado neste último parágrafo, é a vida de Floriano, ator principal da obra *Os Dores*. Floriano “com onze anos apenas, já alimentava ambições. Uma delas era de ir estudar a Portugal, país de que os padres mestres tanto falavam exaltando o amor pátrio” (Fernandes, 2012a, p. 31). A educação, desde cedo, o distinguia dos pares: “se isolava dos rapazes da sua idade, não por pedantaria, mas por feitio, apreciando melhor a companhia dos livros do que a turbulência de adolescentes brincalhões” (Fernandes, 2012a, p. 97). No entanto, tal como Hipólito, também Floriano vê os seus sonhos furados porque o casamento que lhe haviam tecido, com mulher rica e de uma família de proa, dispensava, aos olhos dos pais, quaisquer futuros estudos – em todo o caso, muito para além dos concedidos à mulher. Para além destes argumentos, a ausência de dinheiro, segundo o pai, para suportar os estudos e as aspirações do jovem macaense:

A pretensão dum curso em Portugal montava a sacrifícios consideráveis. Ele, Remígio Policarpo, não era abastado, não possuía cabedais opulentos, apenas umas economias que não eram por ali além, reservadas para garantia da velhice ou enfrentar qualquer doença pertinaz. Como escrivão do tribunal, ganhava o suficiente para viver comodamente. Mas as despesas que nunca paravam, um autêntico sorvedouro. A renda de casa, os gastos da alimentação, a criadagem e a vida social. Tinha que casar as filhas e, enquanto isso não acontecesse, necessitava de mantê-las no nível a que tinham direito, bem como a mãe. (...) Por isso que ele, Floriano, era precioso em Macau, para ajudar a família na condução do barco, evitando dispêndios incomportáveis (Fernandes, 2012a, p. 104)

Curiosamente, tal atitude contrasta com o relato não ficcional de Renée de Senna Fernandes, residente no Brasil à data da recolha do testemunho e que mostra a valorização dos estudos, acima de tudo, por parte da família Senna Fernandes: “Em Macau, só tinha o Liceu. Acabava o Liceu, se era rapaz ia para a polícia, geralmente, e as meninas pensavam em casar e mais anda. Agora, meu pai resolveu mandar para Portugal, os treze filhos. Disse, vou mandar todos. Meu pai disse assim, vou vender o palacete e mandar os treze filhos para Portugal para estudar em Coimbra” (Doré et. al., 2001, p. 170).

Retomando a obra *Os Dores*, nela o leitor pode complementar, com maior profundidade, as expectativas para a educação feminina, acedendo às concepções de época evocadas. O caso de Leontina personifica-se como um excelente exemplo que dá conta de várias possibilidades de ensino para as mulheres.

No *incipit*, o leitor pode encontrar uma menina, resgatada de Coloane e que, posteriormente, encontra morada na casa de uma família cristã. A própria obra esclarece sobre o procedimento:

Era usual nas famílias macaenses recolherem-se crianças abandonadas ou enjeitadas, normalmente de etnia chinesa que eram alimentadas e educadas no lar adoptivo, senão como filhas, pelo menos, sempre acima do nível das criadas. A quem se dava educação, em troca de ajudarem nas lides domésticas. Eram as «biches» ou «crioulas», vinculadas moralmente à casa, como parentes pobres (Fernandes, 2012a, pp. 26-27).

O destino esperado para uma rapariga órfã é humilde e é representado, metafórica e espacialmente, na narrativa: “[Leontina] vivia na parte da casa onde dominavam as mulheres. O quarto grande das meninas, o quarto de costura, a cozinha e o quintal. Não saía à rua, ninguém a levava à missa. Os vestidos eram velhos e gastos, herdados da Feliciano. Calçava chinelas que eram usadas até se esburacarem” (p. 34). Conforme se percebe, o universo feminino, sobretudo o mais depauperado, é encerrado sobre si mesmo, hermético e ancorado ao desempenho de funções e de tarefas em prol de outros, criando-se a ideia de serventia. Uma típica rapariga seria analfabeta, cumpriria funções e exprimir-se-ia à maneira dos criados.

No entanto no caso de Leontina, há algo de particular. Esta menina, sendo branca, desassossega o *pater familia* que não consegue selar um destino prototípico para aquela rapariga. A aparência caucasiana e a ascendência europeia originam impeditivos morais. Aliás, a rapariga recebe melhor educação, precisamente, por criar espantamento em D. Crescência que considerava inconcebível que uma mocita crioula-branca fosse analfabeta. Assim, a mulher prontificou-se para a ensinar, utilizando a Cartilha de João de Deus (p. 37). Leontina, “evoluíra dum salto, raciocinando para além da sua idade, a caminho de oito anos” (Fernandes, 2012a, p. 41). Quando a moça fez dez anos, já “lia com facilidade, devorava os livros de leitura de Ulisses Machado e outros infantis, possuía uma bonita letra, desenhava com aptidão, (...) resolvia os problemas de Aritmética, um Às na tabuada e sistema métrico. Estava mais adiantada que outros estudantes da mesma idade, ela que nunca fora à escola” (Fernandes, 2012a, p. 43).

As suspeitas de que Leontina pudesse ser fruto de um episódio mal ocultado de adultério por parte do chefe da família e, ainda, a possibilidade de Leontina se relacionar amorosamente com Floriano, o filho predileto da casa, afastam a menor para o convento. No convento, receberá formação até à adolescência. À passagem da sexagésima página, o leitor pode aceder, explicitamente, à vida mais abeirada da esfera religiosa:

A disciplina era dura, pautando-se por regras que não davam tréguas à preguiça e à desobediência, a comida era frugal e monótona, rezava-se muito e as asiladas estavam sempre ocupadas em fazer e aprender isto e aquilo. Uma vida sem mimos onde se tirocinavam para as lides domésticas, sem pretensões para vãos mais altos. Aprendiam a ler e escrever Português, rudimentos de História de Portugal e sua Geografia, Desenho e Caligrafia, uma rígida moral cristã, com odisséias e milagres de santos e santas, a granel. Era um mundo fechado (Fernandes, 2012a, p. 60).

O volver dos anos e as aprendizagens bem-sucedidas permitirão que Leontina se torne tutora, no convento: “Leontina esgotara tudo o que podia aprender no convento. As mães não lhe podiam dar mais. Aproveitaram-na então para ensinar as primeiras letras às mães pequenas educandas, o que ela cumpria com entusiasmo” (Fernandes, 2012a, p. 67). Aliás, as mães apreciam-na e valorizam-na desde o primeiro momento - algo de inédito e que a personagem nunca sentira: “Eunice falou-lhe em chinês e patuá. [Leontina] respondeu-lhe no português aprendido com D. Crescência. A religiosa espantou-se com a dicção, tinha um sotaque melhor que o dela própria e o facto impressionou-a favoravelmente” (2012a, p. 60).

A admiração tem que ver com o facto de o domínio da língua portuguesa não ser comum nas mulheres. Note-se que Leontina logra aprender a língua com D. Crescência que, por sua vez, tinha usufruído de uma educação cuidadosa por parte do pai: “contrariando o costume do patuá entre as mulheres macaenses, falou com ela, desde a infância, só em português, corrigindo-lhe a pronúncia, os erros de concordância e das flexões verbais. Aprendeu inglês, desenho e piano que tocava com desembaraço. Foi preparada para ser uma rapariga da sociedade” (Fernandes, 2012a, p. 36).

Em verdade, este apontamento da narrativa imbrica-se com o facto histórico. Sobre este tópico, importa lembrar Amaro e que refere a razão de as mulheres dominarem melhor o *patuá* em desfavor da língua portuguesa:

Devido à reclusão tradicional das mulheres, uso de influência oriental que caracterizou, também, o período medieval na Europa, só muito tarde o elemento feminino começou a gozar de certa liberdade e a ir à escola (...). Devido a este facto, se os homens macaenses perderam, mais cedo, o domínio do antigo patuá, as mulheres mantiveram-no, praticamente, até aos nossos dias (Amaro, 1988, p. 58).

Mantendo-se o assunto da filiação linguística, mas desta feita numa perspetiva mais explicitamente associada à assimilação e à flutuação identitária, pode ler-se o registo de Pina-Cabral e que partilha o seguinte:

Macanese Eurasians found their position increasingly challenged. They were forced to rely on what I have called their capital of Portugueseness. To an extent, the distinct values prevalent in the Portuguese-speaking world towards racial mixing, allowed them to claim a greater association with Europeaness than it did to local British Eurasians. They were in a better position to defend their 'assimilation'. Defining themselves as 'Portuguese of the Orient' they gained the benefits of distinction that allowed them to preserve their relative colonial privilege, but the price they had to pay was to lose their age-old Creole specificity. In this way, as we have seen, their language (the patuá) first became a domestic female language and then vanished totally in favour of Portuguese or English (Pina-Cabral, 2002, p. 67).

Posteriormente, quase chegada a idade adulta, Leontina desempenhará um ofício, o de costureira, tirando proveito, seguramente, de algumas das competências aprendidas. Efetivamente, na educação das jovens por parte de entidades cristãs e de misericórdias, era ensinado, às raparigas, a arte de fiar, tecer ou coser com o intuito de elas se poderem singrar na sociedade e arranjar ofício. Como relembra Seabra: “da desigualdade da mulher decorria, ainda, um menor acesso a atividades remuneradas (...). O trabalho feminino era, por isso, mais precário e era, essencialmente, de carácter doméstico, o que lhe era indispensável para a obtenção de estima social e, portanto, de estatuto (Seabra, 2007, p. 606).

Curiosamente, o exercício da profissão torna visível duas importantes dimensões. A primeira tem que ver com a ausência de qualquer sensibilidade perante o potencial da mulher e da sua vocação. De tal modo que o ensino é simplesmente interrompido: “Custara-lhe despedir-se das alunas pequeninas que choravam. Tinha o gosto pelo ensino, era a sua vocação. A interrupção fora um golpe rude mas acatara” (Fernandes, 2012a, p. 72). A segunda exhibe a

denúncia, implícita, da instalação de um círculo vicioso e marginal entre as mulheres, no qual as senhoras “rotuladas” vão criando esferas de atuação entre si. O encontro entre Remígio Policarpo e Júlia Matoso é representativo do que se afirma: “Menos difícil foi o encontro com a dona do atelier. Afinal era a Júlia Matoso, ela própria também uma antiga bimbina do convento, pessoa que conhecia bem, por ter confeccionado alguns vestidos das filhas. Sabia-a protectora, por dever de solidariedade, das raparigas do convento, sobretudo aquelas que se revelavam hábeis na costura e nos labores” (Fernandes, 2012a, p. 71). Neste contexto, a mulher esbarra numa redoma de influências e de expectativas que restringe a sua progressão social.

Em verdade, mesmo quando existe instrução, verifica-se o afunilamento de que se fala nas possibilidades permitidas à mulher: “Feliciana tivera mais capricho que a irmã. (...) Ambicionou saber mais que a irmã, não se contentou com a instrução básica, ingressou na Escola Comercial para aprender inglês, rudimentos de contabilidade e dactilografia. Não o fizera para se empregar – coisa impensável na época-, mas simplesmente para alargar a sua cultura (Fernandes, 2012a, p. 30).

A estes, somam-se impedimentos morais que cerceiam a ação das mulheres. A religião, por exemplo, porta uma função modelizante, existindo vários episódios marcantes. Quando Leontina chega a casa, após ser transacionada em Coloane, D. Glafira, repudia-a: “recebeu mal a intrusa, opôs-se à sua permanência na sua casa honrada que não era nenhum asilo de enjeitadas (...). Quem era a criaturinha peçonhenta, donde vinha e quem a abandonara naquele antro de piratas que era a ilha de Coloane? Um bicho-do-mato, filha-da-vergonha, que não sabia uma palavra de português” (2012, p. 21). Este comportamento é atenuado pela evocação da Nossa Senhora das Dores pelo filho Floriano: “Nós não somos gente sem coração, mamã. Somos pessoas de bem. A Nossa Senhora das Dores por quem a mamã tem uma grande devoção – as mais belas flores da casa ornamentam a sua imagem – não aprovaria certamente um acto tão cruel” (2012, p. 22).

A diegese fornece outras passagens, igualmente reveladoras de uma “moralidade cristã” e que se impunha – sobretudo, às mulheres. Quando Leontina se torna costureira, a vida delas é regrada de acordo com os preceitos cristãos: “apenas aos domingos descansavam. No rigor e recato da Quaresma, não se ia ao cinema por ser pecado, nem se pavoneava nas ruas e ruelas do Bazar. As raparigas do atelier aproveitavam para passeios à Montanha Russa, ao pinheiral da Guia, à aprazível estância da Flora de vivendas elegantes e fora de portas, espreitando o conjunto harmonioso do Palacete de Verão do Governador e o seu jardim pejado de canteiros e de chafarizes” (Fernandes, 2012a, p. 142).

Também evidente é a mentalidade conservadora. Contrariamente a Hong Kong que se expandia e se revigorava com a modernidade, em Macau exigia-se uma certa contenção no traje e nos costumes: “Você já viu os maillot de banho de agora? Sem mangas, podendo surpreender os pelinhos do sovaco nas mais descuidadas, a perna toda e meia-coxa! Uma indecência revoltante! Onde isto vai parar? E as caras transformadas em máscaras, com a quantidade de rouge e baton!” (Fernandes, 2012a, p. 74). Também em Timor, pelas narrativas de Cardoso, se dá conta deste tipo de mentalidade. Pedro Santiago, quando casa de novo, em segundas núpcias com dona Juliana, deve atender aos estatutos vigentes. Com este propósito, a mulher é “mandada vir de um colégio interno de freiras, perante a insistência popular que lhe exigia um descendente proveniente de um matrimônio selado entre duas famílias importantes e abastadas” (Cardoso, 2003, p. 10).

Porém, no que diz respeito à educação das personagens, os romances de Luís Cardoso não são tão detalhados como as obras de Senna Fernandes. *Requiem para o Navegador Solitário* apresenta Catarina, uma javanesa: a “gata de jade”. Trata-se da filha de pai chinês. Fora criada para fazer alguém feliz. Sabia línguas estrangeiras, lia os clássicos, tocava piano e admirava Debussy. Atributos esplêndidos que uniam o melhor de dois mundos: o Ocidental e o Oriental (Cardoso, 2007, p. 12). Este cenário que prevê que a mulher seja educada para satisfazer um marido confirma-se quando a javanesa é incluída numa transação, pelo pai, como se, efetivamente, se tratasse de mera mercadoria. O negócio é firmado entre o comerciante chinês e o futuro noivo: Alberto Sacramento Monteiro.

Nesta fase da narrativa, vários aspetos culturais são postos em evidência e em diálogo. O primeiro tem que ver com a estrutura familiar chinesa. Segundo Bentley e Ziegler, a família chinesa “was hierarchical, patriarchal and authoritarian. The father was head of the household (...) within the family Confucian principles subjected women to the authority of men” (Bentley & Ziegler 2003, pp. 732-733). Não é, portanto, de estranhar que o pai decida qual o noivo e sobre os destinos da filha. Três outros apontamentos são dignos de menção e de explicitação.

O primeiro tem que ver com a existência de uma compensação financeira pela inclusão da mulher na família do noivo – cenário partilhado nos três países evocados pela narrativa: Timor, Indonésia e China. O segundo, relaciona-se com a idade do casamento. Na tradição oriental, o casamento é perspectivado desde a infância sem qualquer carga pejorativa e sem necessidade de um “amor romântico”. A escritora Jung Chang, na obra *Cisnes Selvagens*, debruça-se sobre a cosmovisão em apreço:

Um dia, quando tinha seis anos, o tio convidou para jantar um amigo cuja mulher estava grávida. E enquanto comiam, os dois homens combinaram que, se a criança fosse um rapaz, casaria com a sobrinha do dono da casa. Os dois jovens nunca se viram um ao outro antes do casamento. Na realidade, apaixonar-se era considerado quase vergonhoso, uma desgraça para a família (...) os jovens não deviam supostamente ser expostos a situações em que tal coisa pudesse acontecer, em parte porque era imoral encontrarem-se, em parte porque o casamento era visto acima de tudo como um dever, um arranjo entre duas famílias. Com sorte, podiam apaixonar-se depois” (Chang, 2020, p. 24).

No entanto, a menoridade cria relutância na família mais abeirada à educação ocidental. Repare-se que a família do noivo aguarda pela maturação biológica da mulher: “a minha apresentação oficial como noiva de Alberto Sacramento estava marcada para a época de Natal. Primeiro, à família dele em Díli, na altura em que eu deveria completar dezoito anos, atingindo a maioridade” (Cardoso, 2007, p. 16).

O último apontamento relaciona-se com a pequenez do pé de Catarina e que torna implícita a ideia de que a mulher, porque frágil e dependente, se manterá subjugada ao homem. Tal noção esteve bastante enraizada na cultura chinesa. O *san-tsun-gin-lian* (lírios dourados com oito centímetros) atribuía grande valor à mulher porque ativava um efeito erótico nos homens e que se prendia, entre outros aspetos, com a emergência de um impulso protetor masculino (Chang, 2020, p. 26). Ainda que os pés de Catarina não tenham sido enfaixados, a pequenez do seu pé impede-a de ser vista como uma mulher plena, por exemplo, pelas mulheres europeias. A referência aos pés e consequente ativação do universo oriental faziam prever que, ao longo da narrativa, Catarina fosse depender de alianças concretizadas com figuras masculinas. Assim se sucedeu, com os capitães de porto, com os japoneses e com o timorense Malisera.

A obra *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* apresenta Isadora. A personagem fora fazer o curso a Portugal, era culta, livre e bonita. Tinha outro estatuto e podia andar de minissaia, dançar o yé-yé ou apanhar boleia de um bainó. As filhas dos *liurais* não podiam incorrer em igual comportamento (d’Alte, 2014). No entanto, neste caso, a mobilidade da personagem entre diferentes esferas de influência está mais relacionada com o *status quo* e com direitos de nascimento do que, propriamente, com a educação. Aliás, em Timor, o vazio educativo pode ser substituído pelo estatuto social:

Beatriz mandou-a embora para lhe garantir um futuro seguro. Para não ter de passar por aquilo que a mãe passou. A vergonha de ter falhado. O casamento com um chefe de posto, ainda que fosse um tipo que não era do seu agrado, garantia-lhe segurança e futuro e, não acontecendo nada em contrário, talvez com o tempo se conformasse, viesse a ser feliz, perdida que estava toda a esperança de a mandar estudar no estrangeiro (Cardoso, 2017, p. 187).

É, no entanto, necessário recorrer a personagens masculinas para aceder a dois importantes tópicos: a valorização da educação e a ascensão social permitida pela educação. No livro *Para onde vão os gatos quando morrem?* sobre o pai Tomás Aquino é escrito o seguinte:

Ele acreditava que era o elixir que me havia de dar força e inteligência para ir mais longe nos estudos. Tomás de Aquino ficou apenas pelo quinto ano do liceu. O segundo ciclo. O suficiente para lhe proporcionar uma boa vida de empregado da administração pública. Achava que eu devia ir mais longe. Por isso necessitava de suplementos vitamínicos na forma de óleo de fígado de bacalhau que o padre Duarte trazia de Díli (Cardoso, 2017, p. 27).

O recorte e outros possíveis, como o caso de Joni Belo que alega ter o quinto ano por ter frequentado o Instituto Linguístico da Beach House (p. 79), dão conta de que as personagens consideram que os estudos favorecem a pretensão de atingir melhores postos laborais ou condições sociais. Porém, e a terminar o quadro, nem sempre tal sucede. António Sakunar é, porventura, das personagens que melhor espelham a educação ultramarina e suas inconsistências. Ele é preterido em detrimento de portugueses por razões de nacionalidade e fica amargurado:

Estudou com afinco na escola de Ação Psicossocial onde fez a 4.^a classe. Achava que merecia melhor sorte depois do esforço que fez para concluir a instrução primária. Tinha conhecimento de *malaes* que nem a primeira classe tinham e foram ocupar postos de trabalho bem remunerados. Assinavam com um x. Não sabiam escrever o próprio nome. Disso fez saber o seu padrinho, o inspetor da PIDE, que se irritou com a pergunta (Cardoso, 2013, p. 73).

Considerações finais

As narrativas dos autores destacados, Cardoso e Senna Fernandes, representam as dinâmicas experienciadas no território, sobretudo ao longo do séc. XX. Pelo relato literário, o leitor acede a representações da mulher que surgem imbricadas com a cultura, a história e a sociedade autóctones. A carga etnográfica é densa e permite o acesso a imagótipos femininos que partilham as histórias de vida das personagens – desde o nascimento até, em grande parte dos casos, à idade adulta.

Esta construção imagética consente que o leitor se aproprie da cosmovisão de época face à mulher e, também, dos constrangimentos vividos pelos *seres de papel* femininos. A via de acesso à imagem da mulher é permitida pela narração autodiegética ou homodiegética que traz uma voz feminina e permite uma “perspetiva interior”, uma “janela” para os estados de espírito das personagens ou, noutros casos, pela comparação contrastiva entre personagens masculinas e femininas.

Ao longo do exercício, são perspetivadas e postas em evidência as diferenças de género em momentos nucleares: aquando do nascimento (distinção suportada culturalmente e representada, desde logo, em várias narrativas orais e escritas autóctones); no acesso e nas perspetivas de educação formal (geralmente reservada aos homens); e, por fim, na assimetria de papéis sociais possíveis (onde se faz ver que o homem não tem tantos constrangimentos à sua ação).

Bibliografia

- Amaro, A. M. (1988). *Filhos da Terra*. Macau: ICM.
- Bentley, J. & Ziegler, H. (2003). *Traditions & encounters – a global perspective on the Past*. New York: McGraw Hill.
- Cardoso, L. (2020). *O plantador de abóboras*. Lisboa: Abysmo.
- ____ (2017). *Para onde vão os gatos quando morrem?*. Porto: Sextante Editora.
- ____ (2013). *O ano em que Pigafetta completou a circum-naveção*. Porto: Sextante Editora.
- ____ (2007). *Requiem para o navegador solitário*. Lisboa: Dom Quixote.
- ____ (2003). *A última morte do coronel Santiago*. Lisboa: Dom Quixote.
- ____ (2001). *Olhos de coruja, olhos de gato bravo*. Lisboa: Dom Quixote.
- ____ (1997). *Crónica de uma travessia: a época do ai-dik-funam*. Lisboa: Dom Quixote.
- Chang, J. (2020). *Cisnes selvagens*. Lisboa: Quetzal editores.

- Côrrea, A. P. (1934). *Gentio de Timor*. Lisboa: Edição do autor.
- Croll, E. (1978). *Feminism and Socialism in China*. London: Routledge.
- d'Alte, P. (2014). *Caleidoscópio literário: a representação romanesca em Luís Cardoso*. Dissertação de mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares. Lisboa: Universidade Aberta.
- _____ (2020). Luís Cardoso e Senna Fernandes: um possível diálogo de aproximação. *Afluente: revista de letras e linguística*, 5(16), 93-111.
- _____ (2021). Para onde vão os gatos quando morrem? Continuidades e ruturas no romance de Luís Cardoso. *E-REI ISCAP*, 9, (2), 80-102.
- _____ (2022). Representações da criança na literatura de expressão portuguesa a Oriente. In Malloy, L. & Gonçalves, G. (orgs.). *Figurações da infância e da velhice na literatura*. Belo Horizonte: Tradição Planalto.
- Doré, A.; Almeida, A. & Moura, C. (2001). *Macau somos nós*. Macau: IIM.
- Duarte, J. B. (1984). *Timor, ritos e mitos atáuiros*. Lisboa: ICLP.
- Feijó, R. G. (2008). Língua, nome e identidade numa situação de plurilinguismo concorrencial: o caso de Timor Leste. *Etnográfica*, 12, (1), 143-172.
- Fernandes, S. (2015). *A trança feiticeira*. Macau: ICM.
- _____ (1997). *Nam Van. Contos de Macau*. Macau: ICM.
- _____ (2012). *Amor e dedinhos dos pés*. Macau: ICM.
- _____ (2012b). *Os Dores*. Macau: ICM.
- Ferreira, M. (1953). Díli – apontamentos etnográficos. *Seara – boletim eclesiástico da Diocese de Díli*, 5, (4), 212-216.
- Fidalgo, C. (2015). *Dinámicas políticas y económicas en el dominio ritual y la vida cotizando em Timor Oriental. Estudos de caso desde la de Faulara*. Tese de doutoramento. Corunha: Universidade da Corunha.
- Freedman, M. (1979). *The study of Chinese Society*. Taipei: SMC Publishing.
- Johnson, K. A. (2016). *China's hidden children. Abandonment, adoption and the human costs of the one-child policy*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Li, S. (2007). *Imbalanced sex ratio at birth and comprehensive intervention in China*. India: UNFPA.
- Pereira, J. C. (2015). *O delta literário de Macau*. Macau: IPM.
- Pina-Cabral, J. (2002). *Between China and Europe. Person, Culture and Emotion in Macao*. London: Routledge.

- Ramon, M. (2014). Contributos para a constituição de um cânone lusófono: Timor-Leste no contexto da produção literária em língua portuguesa. In Martins, M. *Interfaces da lusofonia*. Braga: 2(4), pp. 5-25.
- Ramos, A. M. (2018). Literatura timorense em língua portuguesa: os caminhos da consolidação. In *Boletín Galego de Literatura*, 52(1), pp. 5-20.
- Seabra, L. (2007). A mulher na Misericórdia de Macau. In *Administração*, XX, 76, pp. 605-617.
- Shaughnessy, E. (2000). *China – Empire and Civilization*. New York: Oxford Press.
- Simões, M. J. (2011). *Imagotipos literários: processos de (des)configuração na imagologia literária*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa.
- Sousa, L. (2016). A revolta de Manufahi de 1911-1912: testemunhos e a imprensa diária da época. In Feijó, R. (coord.). *Timor-Leste: colonialismo, descolonização e lusotopia*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 93-117.